

Nova série da HBO Max confronta a versão de Tatum Nara sobre Akakor e reabre as perguntas sobre os desaparecimentos associados à lenda da cidade perdida na Amazônia

POR ISABELA BERROGAIN

Durante décadas, a Amazônia foi o cenário de uma história que parecia saída de um livro de aventuras: uma suposta cidade perdida, escondida no coração da floresta, onde uma antiga civilização teria sobrevivido longe dos olhos do mundo. O lugar se chamaria Akakor, e o homem que dizia conhecer seus segredos, Tatum Nara, apresentava-se como líder de um povo indígena e herdeiro daquela civilização.

A história ganhou fama internacional nos anos 1970, quando o jornalista alemão Karl Brugger transformou os relatos de Tatum no livro *A crônica de Akakor*. A lenda da antiga civilização, porém, não ficou restrita apenas aos livros. Nas décadas seguintes, aventureiros estrangeiros viajaram para a Amazônia em busca da suposta cidade, e alguns deles nunca voltaram.

John Reed desapareceu em 1980; Herbert Wanner, em 1983, teve os restos mortais encontrados na floresta; e Christine Heuser sumiu em 1987. Tatum, que havia os guiado por expedições pela região, passou a ser associado aos casos. Cinquenta anos depois, a existência de Akakor nunca foi comprovada e o desaparecimento dos estrangeiros nunca teve um desfecho jurídico.

A fronteira entre mito e crime que envolve a história é revisitada em *Morte e mistério na Amazônia*, nova série documental da HBO Max. Dirigida e

A lenda que matou

produzida por Tatiana Issa e Guto Barra, a produção investiga a história da cidade lendária e a trajetória de Tatum, que dá a própria versão dos fatos. "Em documentários de true crime, a gente sempre debate para quem devemos ou não dar voz. No caso dele, achamos que era importante questioná-lo de certa forma", conta a diretora.

Tatiana explica que, após Tatum perpetuar por anos as histórias de Akakor "da forma que queria", era importante que ele fosse confrontado em frente às câmeras. O embate entre o suposto descendente do povo indígena e a produção do documentário se deu ao longo de uma entrevista de três horas de duração.

"O tempo todo ele se esquivava e mudava de assunto. A esposa dele nos interrompeu, começou a berrar... Foi muito difícil, precisávamos estar sempre muito atentos para, nas nuances, pegar palavras, gestos e 'não respostas' para cutucá-lo", relata a diretora.

Para Guto, a entrevista em si diz muito sobre a personalidade de Tatum. Segundo o produtor da série, o suposto guardião dos segredos de Akakor utilizou diferentes táticas para tentar se esquivar de perguntas feitas pela produção. "Às vezes, ele falava que não lembrava; às vezes, jogava uma informação para confundir o que foi falado originalmente; às vezes, debochava da Justiça", narra.

Em uma de suas respostas, o entrevistado chegou a admitir que sabe que cometeu um crime, mas que "não vai dar em nada". "É muito interessante, porque, a partir daí, você vai entendendo a personalidade dele, e que nela podem ter traços de várias sociopatas. Isso, no entanto, não retira a culpabilidade dele nesse caso, de forma alguma", defende Guto.

O diretor também ressalta que, antes do documentário, o suposto herdeiro do povo indígena nunca havia sido confrontado de maneira direta. "Até lendo os depoimentos que ele deu para a polícia e para o



O suposto herdeiro do povo indígena guiava expedições pela região

Fotos: Divulgação/HBO Max